1901-1910

Renato da Gama-Rosa Costa
Alexandre Jose de Souza Pessoas

Benedito Tadeu de Oliveira (coord.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, R. G. R., and PESSOA, A. J. S. 1901-1910. In.: *Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos* [online].
Coordinator Benedito Tadeu de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, pp. 38-61. História e saúde collection. ISBN: 978-65-5708-113-6. <https://doi.org/10.7476/9786557081136.0005>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

1901

1910

1901 - 1910

De 1904 a 1910

- 01 Chaminé
- 02 Forno de incineração de lixo
- 03 Depósito do incinerador
- 04 Barracão para animais
- 05 Depósito
- 06 Depósito
- 07 Gaiola para macacos -
demolido entre 1905 e 1910
- 08 Gaiola para cobras e cobaias -
demolido entre 1905 e 1910
- 09 Pequeno laboratório Instituto Soroterápico -
demolido entre 1905 e 1910

- 10 Sede do Instituto Soroterápico -
demolido entre 1905 e 1910
- 11 Cocheira Instituto Soroterápico
- 12 Antiga Cavalaria
- 13 Barracão para operários
- 14 Cocheira
- 15 Residência para funcionários
- 16 Depósito
- 17 Pesqueira
- 18 Cais
- 19 Biotério

- 20 Pombal
- 21 Cavalaria
- 22 Pavilhão do Relógio
- 23 Caramanchão
- 24 Pavilhão Mourisco
- 25 Horta - Ilha do Pinheiro
- 26 Viveiro de peixes - Ilha do Pinheiro
- 27 Residência do Zelador - Ilha do Pinheiro
- 28 Residência Museu de Hidrobiologia -
Ilha do Pinheiro

RIO DA CUNHA

0 50 100 200

BASE CARTOGRÁFICA: LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAFÉTRICO IPP/PCRJ
PLANTA DO INSTITUTO DE MANGUINHOS - 1904
CARTA CADASTRAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - 1908

RIO FARIA

PARADA DO AMORIM

LEOPOLDINA RAILWAY

13

20

04

06

05

02

03

01

21

22

23

12

24

16

15

14

17

18

BAÍA DE GUANABARA

PORTO DE INHAÚMA

PRAIA DE INHAÚMA

- Terreno da Fiocruz
- Edificações preexistentes
- Edificações construídas entre 1904 e 1910

Barão de
Pedro Afonso
Diretor do Instituto
Soroterápico
Federal
de 23 de julho
de 1900 a
dezembro de
1902.

Oswaldo
Gonçalves Cruz
Diretor do Instituto
Soroterápico
Federal
e a partir de 1908
Instituto
Oswaldo Cruz
de 9 de dezembro
de 1902 a 11 de
fevereiro de 1917.

No início do século XX, o antigo Instituto Soroterápico Federal era constituído de uma pequena aglomeração de construções, sendo as principais: a sede, onde funcionavam um escritório, um refeitório e pequeno laboratório, a antiga cavalaria, com capacidade para 30 animais, um biotério, uma cocheira e diversas gaiolas. Eram construções tradicionais, com paredes de alvenaria e coberturas de telhas cerâmicas.²³ Aproximadamente metade delas estava implantada na colina principal. Existiam ainda as antigas instalações da prefeitura: a chaminé, o forno de incineração de lixo e o depósito do incinerador.²⁴ No fim de 1902, Oswaldo Cruz e Pedro Affonso desentenderam-se. O barão, então, se exonerou e, em 9 de dezembro de 1902, Oswaldo Cruz assumiu a direção do Instituto Soroterápico Federal. Em 23 de março de 1903, Oswaldo Cruz foi nomeado, por Rodrigues Alves, para chefiar a Diretoria-Geral de Saúde Pública (DGPC), cargo que ocupou até novembro de 1909. Sua missão era implantar um modelo modernizador de saúde pública que pretendia romper com a realidade insalubre ainda originária do Brasil Império. O projeto de reforma sanitária previa prioritariamente a erradicação das três principais doenças pestilenciais da época: a varíola, a febre amarela e a peste bubônica. Tal conjuntura foi decisiva para que Manguinhos, definindo-se à imagem do Instituto Pasteur, com a produção de remédios, pesquisa científica e atividades ligadas à saúde pública, avançasse e se desenvolvesse rapidamente. Para atender às novas demandas e modernizar as instalações do Instituto Soroterápico, Oswaldo Cruz iniciou a construção do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos.

²³ Para Dias (1918:9), essas construções não tinham "(...) nenhuma preocupação de arquitetura; nem o mais simples dos ornatos; mostravam singelamente o seu beiral com as velhas telhas portuguesas debruçadas no topo das varandas".

²⁴ Os fornos de lixo foram cancelados em 1899. Durante muitos anos somente uma das chaminés permaneceu na área do Instituto, sendo demolida entre 1939 e 1940 (Aragão, 1950).

Cais reconstruído pelo arquiteto Luiz Moraes Jr., em concreto, em 1903. (DAD/Fiocruz)

Acesso dos pesquisadores ao núcleo principal de Manguinhos. Ao fundo o Pavilhão Mourisco ainda em construção. (DAD/Fiocruz)

A escolha da colina principal tinha a intenção, ainda que não explicitada, de substituir as antigas instalações da Fazenda de Manguinhos, improvisadas pelo Barão de Pedro Affonso e não condizentes com as intenções mais grandiosas de Oswaldo Cruz. A demolição gradativa do antigo conjunto e sua substituição pelo novo núcleo arquitetônico assinalam claramente os novos tempos, assim como a nova relação de poder, como sempre aconteceu

ao longo da história da arquitetura, em virtude de seu caráter simbólico e representativo. A rivalidade entre os dois cientistas tornou-se notória, e o tempo acabou por diminuir a participação de Pedro Affonso²⁵ na criação do Instituto. Antes mesmo do início da construção do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos, já era intenso o ritmo de trabalho e a maioria dos funcionários tinha regime de dedicação exclusiva, investindo na construção e consolidação da Instituição.²⁶ Em 1903, diversos serviços especializados, como a biblioteca e o serviço de fotografia e de desenho, já estavam organizados e em funcionamento.²⁷

²⁵ Para uma leitura mais completa sobre a relação do Barão de Pedro Affonso com Oswaldo Cruz, sugerimos o livro *Vacina Antivariólica: ciência, técnica e o poder dos homens (1808-1920)*, de Fernandes (1999).

²⁶ O *Jornal do Commercio* de 20 de fevereiro de 1915 dizia: "Há médicos que, a bem dizer, vivem em Manguinhos e para Manguinhos. No Instituto não há dias santos ou feriados, guardando-se apenas os domingos".

²⁷ A biblioteca começou a funcionar em 1903, num chalé improvisado que dividia com o serviço fotográfico, era cuidada pelo holandês Assuerus Overmeer e organizada de acordo com a classificação estabelecida pelo Instituto Bibliográfico de Bruxelas. O laboratório fotográfico era dirigido pelo fotógrafo J. Pinto e dispunha dos recursos mais modernos da época para documentar os trabalhos científicos e as transformações físicas do Instituto, desde os seus primeiros alicerces. Outra seção importante era a de desenho; os artistas desenhavam a pena de nanquim criaturas microscópicas, utilizavam aquarela, faziam cartazes, gráficos e murais, cobrindo os trabalhos de divulgação interna e documentação para serem utilizados também nos cursos. (Benchimol, 1989).

Planta cadastral de 1908. (AGCRJ)

Vista do Instituto Soroterápico Federal, durante a construção das novas edificações projetadas por Luiz Moraes Jr. Até a finalização da construção do edifício principal, estas construções conviveriam no mesmo sítio. (C. 1904 – DAD/Fiocruz)

Vista da colina principal para o mar, mostrando a Baía de Guanabara. Ao fundo, o cais. (DAD/Fiocruz)

Naquela época, o acesso ao Instituto continuava sendo feito por trem do ramal da Leopoldina até a estação do Amorim, onde hoje passa a Rua Leopoldo Bulhões. Depois, o percurso era feito a pé, ou em uma pequena charrete que levava até a colina principal pela estrada de Manguinhos que, a essa época, era uma via pública – a única – que ia até aquele trecho do litoral. Assim permaneceu durante muito tempo. Podia-se chegar também por mar, subindo o Rio Faria.

Na implantação do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos foi obedecida uma disposição que permitisse melhor ventilação e insolação dos edifícios; foi escolhido também o local mais alto do terreno para garantir melhor visibilidade do conjunto. O Pavilhão Mourisco ou Castelo,²⁸ que é antecedido por jardins de gosto francês, destaca-se pela sua localização privilegiada, tal como os templos gregos e as igrejas coloniais portuguesas, e tem sua fachada principal voltada para o mar, de onde era o primeiro a ser avistado. Os edifícios foram implantados de forma a criar uma praça, hoje denominada Pasteur, delimitada em um dos lados pela Cavalaria; no outro lado, pelo Quinino e o Pavilhão Mourisco e fechada, nos fundos, pelo Pavilhão da Peste (atrás desse edifício foi construído, posteriormente, em um plano mais elevado, o Aquário de Água Salgada). Destacado desse conjunto, foram edificadas na outra colina do terreno o Hospital Oswaldo Cruz – hoje Evandro Chagas –, um biotério para pequenos animais, ou Pombal, e mais tarde, na década de 20, o Pavilhão Vacínico ou Vacinogênico, esses situados no caminho entre as duas colinas.

²⁸ Até hoje estes são os nomes comumente associados a esse prédio, no universo dos funcionários da Fiocruz. Na literatura corrente, é citado sempre como o prédio do Instituto Oswaldo Cruz ou prédio central da Fundação Oswaldo Cruz. Houve um pavilhão, nesse mesmo estilo, em Botafogo, projetado em 1906 pelo arquiteto Alfredo Burnier e demolido em 1952. O estilo de sua arquitetura ajudou a nomear aquela área, Mourisco, onde hoje está localizada a sede náutica do clube Botafogo de Futebol e Regatas, bem como um edifício comercial.

Vista em primeiro plano da chaminé das instalações dos fornos incineradores de lixo. À direita o Pombal em construção. (DAD/Fiocruz)

Imagem dos fornos incineradores de lixo instalados pela Prefeitura do Distrito Federal, em processo de desativação. Esta foto, parte de um relatório de Augusto Malta, de 9 de março de 1917, mostra a disposição interna desses fornos. (Coleção Augusto Malta/MIS)

Primeira geração de cientistas de Mangunhos. Da esquerda para a direita em pé: Arthur Neiva, (não identificado), Gaspar Vianna, Astrogildo Machado e Alcides Godoy. Sentados: Gomes de Farias, Carlos Chagas, (não identificado), Oswaldo Cruz, Adolpho Lutz, Cardoso Fontes e Parreiras Horta. (DAD/Fiocruz)

O projeto de substituição e de modernização das edificações do Instituto Soroterápico Federal, 1903-1907, previa a construção de outra cavalaria na Praça Pasteur, também de planimetria retangular no local onde foi construído o Quinino e um Biotério para grandes animais, alinhada à atual Cavalaria e situada no lado oposto do Pavilhão Mourisco. Estavam previstos ainda gaiolas para pequenos animais, mictório e um pavilhão para desinfecção e incineração. Tais edifícios não foram construídos. Nesse projeto, a implantação das vias públicas é semelhante à atual, entretanto a dos jardins, apesar das semelhanças de estilo, difere da implantação de hoje. Ainda em 1907,²⁹ foi inaugurada em Belo Horizonte a filial do Instituto Oswaldo Cruz, em Minas Gerais. Essa foi a primeira de uma série de centros de pesquisa que passaram a fazer parte da Fiocruz em outros estados brasileiros nas décadas sucessivas (Anexo II).

Os projetos dos edifícios que compõem o conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos foram encomendados diretamente ao engenheiro e arquiteto Luiz Moraes Júnior,³⁰ que conheceu Oswaldo Cruz em um dos vagões do trem da Leopoldina na ocasião das obras de reforma da Igreja da Penha, sob responsabilidade de Moraes (Anexo I). Seu primeiro projeto, de 1903, foi o de um pequeno biotério construído ao lado das primitivas instalações da Fazenda de Manguinhos.

²⁹ O jornal *Bello Horizonte*, de 7/8/1907, noticia: "Instituto Filial de Manguinhos. Realiza-se hoje, às 4h da tarde, a inauguração oficial desse importante e útil estabelecimento, aqui fundado pelo governo da União sob a direcção do distinto médico Sr. Dr. Ezequiel Dias (...) se acha installado na Praça da Liberdade, em magnífico e vistoso prédio, especialmente adaptado com todas as regras exigidas para um estabelecimento desta natureza (...) Além do edificio principal, há o pavilhão dos bezerros e as casas de coelhos e cobaias".

³⁰ Este texto adota a grafia Luiz Moraes para o nome do arquiteto, com base nos documentos encontrados, como relatórios de seu escritório, onde aparece o carimbo, plantas onde constam sua assinatura, placas em sua homenagem etc. Essa grafia, entretanto, difere da utilizada em algumas publicações.

Interior do Pavilhão da Cavalaria. (DAD/Fiocruz)

Detalhe do coroamento da cobertura do Pavilhão da Cavalaria. (DAD/Fiocruz)

Pavilhão da Cavalaria logo após sua construção. (DAD/Fiocruz)

a uma construção com planimetria longitudinal, com as faces menores semicirculares, projetada para fazer parte das novas instalações do Instituto, porém teve curta duração e foi destruída logo após a conclusão do Pombal. A partir do galpão existente na Fazenda, adaptado para estrebaria e que permaneceu até fins da década de 20, Moraes demarcou a implantação de todos os outros edifícios do núcleo principal.

Janela do Pavilhão da Peste. (DAD/Fiocruz)

O primeiro edifício do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos a ser construído foi o Pavilhão da Peste, em 1904. Depois vieram o edifício da Cavalaria e o Pombal, no mesmo ano, e o Pavilhão Mourisco, que começou a ser construído em 1905, quando os dois primeiros já estavam prontos, além dos edifícios do Aquário e do Quinino, ou Pavilhão Figueiredo Vasconcellos, na década seguinte. O sistema construtivo adotado na edificação do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos consistiu em utilizar fundação corrida de pedra, cimento e areia, os 'cafofos', sobre os quais foram erguidas paredes portantes de alvenaria de pedra e tijolos. Na cobertura foram utilizadas telhas francesas de Marselha sobre estruturas metálicas – Cavalaria – e de madeira – Pavilhão da Peste e Quinino. No Pavilhão Mourisco, adotou-se a solução de terraços pavimentados com cerâmica de Marselha. Os terraços são constituídos por lajes estruturadas em perfis metálicos, com seus vãos preenchidos com abobadilhas de tijolos furados. Nas torres, que são elementos de coroamento do Pavilhão Mourisco, utilizou-se estrutura metálica para sustentar os ornamentos fundidos com cimento e areia. A terra, a madeira, a areia, o saibro e a pedra usados na construção do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos foram retirados do próprio terreno do Instituto. O restante dos materiais foi importado: telhas, tijolos e cerâmicas de piso vieram de Marselha, na França; as luminárias, o aço, as esquadrias e os azulejos da marca Villeroy-Bosch, da Alemanha; as fechaduras Yale, dos Estados Unidos; o cimento, da Inglaterra; o mármore, da Itália, e a cerâmica da marca Bordallo Pinheiro, de Portugal.

Esses materiais de construção desembarcavam em um cais – originalmente de madeira e reconstruído em concreto em 1903 –, vindo direto das chatas das embarcações, e eram

Pavilhão da Peste
(atual Pavilhão do
Relógio) em construção
(c. 1903).
No detalhe,
interior do pavilhão.
(DAD/Fiocruz)

rebocados até o local da construção através de uma miniestrada de ferro de tração animal que corria pelo terreno ligando os locais da obra, onde um guincho tirava, por exemplo, barricas de cimento de 150 kg cada uma. Os trabalhos eram dirigidos por um mestre-de-obras austríaco, Basílio Silvestre Aor,³¹ que era de inteira confiança de Luiz Moraes. Basílio Aor comandava artífices portugueses, italianos e espanhóis especializados em marcenaria, cantaria, pintura e estuques. Oswaldo Cruz participava ativamente da concepção dos projetos e acompanhava o andamento das obras.

A maior parte dos recursos utilizados no início da construção do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos não foi autorizada em lei e veio das sobras das verbas da Diretoria-Geral de Saúde Pública. Ao longo dos anos, o Ministério da Justiça e Negócios Interiores concedeu diversos créditos especiais para dar andamento e para acelerar o ritmo, bem como concluir as obras de modernização do Instituto.

O Pavilhão Mourisco, principal edifício do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos, teve seu primeiro croqui elaborado por Oswaldo Cruz. Trata-se de desenhos de plantas e elevações que serviram de base para os projetos de Luiz Moraes Júnior, no primeiro dos quais, datado de 1905, o Pavilhão Mourisco possuía, acima do térreo, apenas três pavimentos. No projeto de 1907, também com três pavimentos, provavelmente por influência do Observatório de Montsouris, na França, o arquiteto acrescentou duas torres laterais ao edifício. Somente em 1908, com as obras em estágio adiantado, Luiz Moraes Júnior elaborou o projeto definitivo de cinco pavimentos. Todos foram concebidos em estilo mourisco.

³¹ Aor, Hamlet William, depoimento (1986, fita 1, lado A). Seu pai, Basílio Aor, nasceu em Trento, Itália, cidade que à época pertencia ao Império Austro-Húngaro. A região só voltaria à Itália após o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918. Aor foi o mestre-de-obras, em 1914-1915. Foi convidado por Oswaldo Cruz para continuar no *campus* trabalhando na manutenção, mas ele preferiu continuar seguindo Luiz Moraes Jr. e indicou um empregado seu para o serviço, um espanhol chamado Frutoso Gandara Martinez, que foi quem construiu o Pavilhão dos Medicamentos Oficiais e o Pavilhão Vacinogênico. Basílio Aor morreu em 1919.

Croqui do Pavilhão Mourisco. Traço original de Oswaldo Cruz.

Os edifícios projetados por Luiz Moraes Júnior se inserem na linguagem do ecletismo arquitetônico, na qual as composições, concebidas em conformidade com os princípios clássicos, frontalidade, axialidade e simetria, recebem um tratamento ornamental onde se mesclam duas ou mais tendências de estilo e decoração. O Pavilhão da Peste foi inspirado nas construções ferroviárias inglesas, devido, provavelmente, à formação do arquiteto em engenharia ferroviária. A linguagem inglesa, usada no conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos (Peste, Cavalaria, Castelo e Quinino), é tão forte quanto a portuguesa e a árabe. O estilo inglês está muito presente tanto na arquitetura do Pavilhão da Cavalaria como nos elementos em ferro das escadas, baias, grades, grelhas, luminárias etc.; também nos equipamentos, como balanças e monta-cargas, e ainda no uso do material de composição e revestimento, como o granito e o tijolo maciço. Os materiais em ferro

Maquete do segundo projeto do Pavilhão Mourisco, já com as duas torres, mas sem o último pavimento, apresentada na Exposição Internacional de Higiene de Berlim em 1907. (DAD/Fiocruz)

eram escolhidos em catálogos e podiam ser facilmente encomendados diretamente com os fabricantes ou por intermédio de representantes na própria cidade do Rio de Janeiro.

Já as linguagens portuguesa, mourisca³² e inglesa mesclam-se com maestria no Pavilhão Mourisco, sede de Manguinhos. A influência da arquitetura inglesa na concepção do Pavilhão Mourisco se dá, sobretudo, na adoção da planimetria em forma de H, com uma grande escadaria inserida em um *ball* de entrada central ricamente decorado. Estas são algumas das características da arquitetura elizabetana que predominou na Inglaterra na segunda metade do século XVI, durante o reino de Elizabeth I (1558-1603).³³ Uma outra explicação para a planimetria utilizada no Pavilhão Mourisco diz respeito às influências portuguesas, mais precisamente nas que

³² Estilo arquitetônico desenvolvido no âmbito da arte islâmica entre a segunda metade do século XI e o final do XV. Originou-se do encontro, na península Ibérica entre as tradições siríaco-muçulmanas, o substrato clássico e visigótico do ambiente andaluzo e a cultura bérbera.

³³ A primeira referência à arquitetura elizabetana, para o Pavilhão Mourisco, foi feita pelo arquiteto Antonio Pedro Gomes de Alcântara, do Iphan, no parecer de janeiro de 1980 para o Processo de Tombamento dos Edifícios Históricos da Fiocruz.

Transição das antigas instalações do Instituto Soroterápico Federal, planejado pelo Barão de Pedro Afonso, para os edifícios construídos na gestão de Oswaldo Cruz. (DAD/Fiocruz)

Detalhe de uma janela do Pavilhão Mourisco. (DAD/Fiocruz)

adotam a implantação típica dos solares portugueses do século XVII, cuja maior contribuição para a evolução das residências em Portugal foi justamente a introdução da planta em U, com o pátio aberto para os fundos da edificação. A distribuição dos espaços ocorre de forma simétrica, a partir de um eixo central, onde se destaca um grande *hall* de escadas, no interior ou no exterior da edificação, ou ainda um pátio interno, fechado.³⁴

No caso do Pavilhão Mourisco, observa-se a distribuição das salas a partir do *hall* central e das escadas internas, ricamente decorados. A simetria é sentida especialmente nas fachadas, onde os elementos decorativos estão subordinados a uma rigorosa composição. Outra característica

³⁴ Azevedo (1969:57).

Vista do Pavilhão Mourisco e da torre do Pavilhão da Peste a partir do Aquário. (DAD/Fiocruz)

Vista dos elementos arquitetônicos de coroamento do Pavilhão Mourisco. (DAD/Fiocruz)

Aspecto final do edifício principal do conjunto arquitetônico projetado por Luiz Moraes Jr. e idealizado com Oswaldo Cruz. (C. 1918 DAD/Fiocruz)

forte da tradição portuguesa pode ser identificada na localização da torre dos sanitários, como um corpo quase isolado da edificação.

A ornamentação segue outra orientação estética. A linguagem de origem árabe adotada obedece ao movimento de revalorização da arquitetura medieval que atingiu a Europa, a partir da primeira metade do século XIX, como reação ao classicismo até então vigente, na tentativa de recuperar a memória artística de épocas passadas de um notável esplendor construtivo. A burguesia européia do século XIX adotaria, entre outras linguagens, a neo-árabe, com “(...) conotações de evasão, evocação e singularidade social muito importantes, adotando os palácios de Alhambra como principal modelo referencial que suscitara – sempre por meio da decoração – um amplo repertório emocional”.³⁵

O Alhambrismo, termo com o qual se designou essa estética, surge para valorizar a imagem do islamismo arquitetônico como arte, visto antes com sobriedade e incorporado, depois, pelo espírito romântico, como um vocabulário especialmente atrativo, uma vez que evocava imagens de magia e fantasia.

A idéia de ‘Palácio da Ciência’, imaginada por Oswaldo Cruz para o edifício principal do Instituto por ele dirigido, realizou-se, na interpretação do seu arquiteto, nessa linguagem influenciada pela arquitetura de Alhambra,³⁶ demonstrando o passado cultural de seu projetista. O primeiro croqui imaginado por Oswaldo Cruz, porém, revelava uma estética medieval, com as duas torres em forma triangular. Distante, portanto, da idéia concretizada por Luiz Moraes Júnior.

³⁵ Domingo (1998:15).

³⁶ O complexo arquitetônico de Alhambra, construído entre os anos 1238 e 1492 em Granada, Espanha, é o exemplo mais significativo da arquitetura civil mourisca. Alhambra foi palácio, cidadela e fortaleza. Abrigou também residência dos sultões Nazaries e dos altos funcionários, servidores da corte e soldados da elite muçulmana.

Detalhe das luminárias do *hall* central do Pavilhão Mourisco. (DAD/Fiocruz)

Detalhe da ornamentação do *hall* central do Pavilhão Mourisco. (DAD/Fiocruz)

A rica decoração das áreas nobres do edifício, ou seja, o *hall* da escada principal, o *hall* do último pavimento, o salão de leitura da biblioteca e as varandas, onde foram utilizados ricos materiais de acabamento, além dos painéis em gesso e madeira trabalhados, contrasta com o interior extremamente simples e funcional das salas dos laboratórios, com paredes lisas sem ornamentação, revestidas com azulejos brancos e com cantos arredondados nas junções entre as paredes e o piso.

O Pombal, construído longe dos outros edifícios do conjunto, talvez por essa razão contraste significativamente com eles. Também de composição e implantação simétrica, é considerado o projeto mais livre de Luiz Moraes Júnior. Nele, o arquiteto trabalha com formas geométricas puras na confecção dos pequenos pavilhões que compõem, juntamente com a torre central, um conjunto leve, harmônico e despretensioso, deixando os poucos ornamentos para detalhes decorativos em concreto, como arremates de telhados e guarda-corpos de escada, imitando troncos de árvores, como nos jardins de inspiração francesa.

Em setembro de 1907, o Brasil participou, em Berlim, do XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia e de uma exposição anexa ao evento, quando foram amplamente divulgados os diversos aspectos da saúde pública nacional, os trabalhos desenvolvidos no Instituto e exibidos os projetos arquitetônicos que estavam sendo implantados em Manguinhos. A seção brasileira recebeu o primeiro prêmio, a medalha de ouro, que foi entregue a Oswaldo Cruz. Nessa primeira década do século XX, além das modernizações da infra-estrutura, o Instituto passava também por mudanças em sua estrutura regimental. Em 12 de dezembro de 1907, Afonso Penna sancionou o decreto que transformou o Instituto Soroterápico em Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos, possibilitando maior fluxo de créditos e estendendo seu campo de ação, ao mesmo tempo em que o transformava em escola de medicina experimental através dos Cursos de Aplicação. Com o decreto nº 6.892, de 19 de março de 1909, a Instituição passou a se chamar Instituto Oswaldo Cruz

Azulejos da Bordallo Pinheiro utilizados no Pavilhão Mourisco. (DAD/Fiocruz)

Vista de um torreão do Pavilhão Mourisco. (DAD/Fiocruz)

(IOC) e adquiriu a forma institucional que permaneceria até a década de 30. O primeiro regimento do Instituto data de 19 de março de 1908, e o modelo baseado na pesquisa, no ensino e na produção que então se formava completava-se e sustentava-se mutuamente.

No fim da primeira década do século XX, o ritmo das obras de modernização das instalações do Instituto foi intensificado. Naquela época, o primeiro e o segundo pavimentos do Pavilhão Mourisco foram ocupados por laboratórios, enquanto as obras prosseguiram nos pavimentos superiores. Na Cavalaria e no Pavilhão da Peste, já concluídos, desenvolviam-se as atividades de inoculação de material virulento em cavalos, para a obtenção de soros. O Pavilhão da Peste era destinado exclusivamente à obtenção do soro antipestoso. O Pombal já estava ocupado por cobaias de pequeno porte. Desapareceu no fim daquela década parte da infra-estrutura do Instituto Soroterápico construída em 1903: gaiola para macacos, gaiola para cobras e cobaias, pequeno laboratório, cocheira e a antiga sede do Instituto Soroterápico. Algumas edificações, como a chaminé, o forno de incineração de lixo, o depósito do incinerador, o barracão para animais, o depósito e a antiga cavalaria permaneceram e continuaram ao lado, por alguns anos, das novas instalações de Manguinhos. A chaminé resistiu até por volta de 1940, como será visto adiante. Na primeira década do século XX, foram construídos também alguns edifícios de menor importância, tais como um barracão para operários, uma cocheira, uma residência para funcionários, um depósito, uma pesqueira, um biotério e um caramanchão, que deu origem à Casa de Chá, até hoje existente. Não há indícios de que tenham sido elaborados projetos para a construção desses edifícios.

Detalhe da alavanca de controle do elevador do Pavilhão Mourisco. (DAD/Fiocruz)

Vista geral do Biotério para pequenos animais (Pombal). (DAD/Fiocruz)

Detalhe de um dos módulos do Pombal. (DAD/Fiocruz)

Em primeiro plano detalhe do Pombal, ao fundo à esquerda, a Cavalariça e à direita o Pavilhão Mourisco. (DAD/Fiocruz)